

A fragmentação da Iugoslávia: paradigma da afirmação das estruturas hegemônicas de poder

*Paulo G. Fagundes Vizentini**

“A traição, o desmoronamento e o caos de nosso país, a difícil situação em que se lançou nosso povo, a guerra da Bósnia-Herzegovina, o extermínio do povo sérvio e minha própria enfermidade fizeram com que minha vida já não tenha sentido, e por isso decidi libertar-me da enfermidade e, sobretudo, dos sofrimentos causados pelo ocaso de meu país; deste modo, permito que meu organismo esgotado, que já não suportava tudo isso, descanse.” (Slobodan Nikolic, da Aldeia de Peruc, 8 de outubro de 1992)

A sucessão de guerras civis e interestatais que levaram à destruição da Iugoslávia durante os anos 90 comporta a análise de dois níveis distintos, um de caráter político-estratégico e outro civilizacional. O primeiro deles diz respeito à afirmação de uma Nova Ordem Mundial sob hegemonia norte-americana, baseada na utilização da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Essa dimensão encontra-se associada à posição geopoliticamente estratégica que esse país possui nos Balcãs e seus vínculos com a Rússia. O segundo está associado ao processo de desagregação social que acompanha a globalização. Em breves linhas, tentaremos traçar o caminho que conduziu à destruição social e nacional da Iugoslávia, dentro do qual o conflito do Kosovo constituiu apenas mais um capítulo, provavelmente o penúltimo, bem como o

* Professor Titular do Departamento de História do IFCH, da UFRGS, Doutor pela USP, Pós-Doutorado em Relações Internacionais pela London School of Economics e autor de livros sobre política internacional. Atualmente é Diretor do Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados da UFRGS

significado internacional de tal processo. Além disso, numa narrativa que busca desconstruir os mitos difundidos pela grande mídia globalizada, procurará identificar os interesses estratégicos subjacentes, particularmente os ligados à afirmação das estruturas hegemônicas de poder, destinadas a consolidar uma Nova Ordem Mundial sob liderança norte-americana.¹

A segunda Iugoslávia e sua crise²

O caso da fragmentação da Iugoslávia, no contexto do colapso dos regimes socialistas do Leste Europeu e da desagregação da URSS, afigurou-se o mais complexo e trágico, uma vez que o País não possuía a importância e a capacidade estratégica da URSS. Além disso, Belgrado tentou resistir à nova ascendência alemã nos Balcãs, em grande parte devido à experiência traumática da Segunda Guerra Mundial, quando o País foi invadido, dividido, ocupado e algumas etnias foram mobilizadas contra outras pelos ocupantes ítalo-alemães. A crise iugoslava, ao lado dos aspectos sociais comuns ao colapso do socialismo no campo soviético, revela algumas peculiaridades. Sob a liderança carismática de Tito (de etnia croata), os comunistas iugoslavos mantiveram-se independentes frente a Moscou e ao Ocidente capitalista, desenvolvendo internamente um modelo socialista autogestionário e uma estrutura federativa bem sucedida, enquanto no plano internacional o País se aproximava do Terceiro Mundo, criando o Movimento dos Países Não-Alinhados, mantendo igualmente uma postura neutralista e oposta aos blocos militares como o Pacto de Varsóvia e a OTAN. Assim, a Iugoslávia tornou-se um dos países mais respeitados e influentes nas relações internacionais.

Em 1980, Tito morreu e foi sucedido por uma direção colegiada das repúblicas federadas, enquanto a economia se degradava mais rapidamente do que a dos demais países socialistas. A crise interna, agravada pela liberalização da economia, somou-se a do Leste-Europeu. Tal situação contribuiu para fomentar as ideologias nacionalistas, especialmente por parte de grupos anticomunistas. A cada recenseamento, diminuía o número de pessoas que se autodefinia como iugoslavo e crescia o dos que se identificavam pelo grupo étnico. Em meio à

¹ A esse respeito, ver o livro do Embaixador Samuel Guimarães (1999), **500 Anos de Periferia**.

² A Primeira Iugoslávia foi a do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, estabelecido em 1919, e sucedida em 1929 pelo Reino da Iugoslávia. A Segunda, republicana e socialista, foi a estabelecida pela resistência antifascista liderada por Tito, em 1945.

crescente desagregação da federação iugoslava, os sérvios procuravam manter a unidade, enquanto os eslovenos e os croatas buscavam separar-se da federação, amparados pelo Ocidente. Essas duas repúblicas eram mais desenvolvidas economicamente, devido aos investimentos federais em sua infra-estrutura turística e industrial. Além disso, suas populações eram de religião católica, estavam localizadas na fronteira com a Europa capitalista e recebiam regularmente um grande fluxo de turistas estrangeiros, estando, portanto, em contato permanente com o Ocidente.

Com a queda do Muro de Berlim, a Liga dos Comunistas Iugoslavos (LCI) abandonou o regime de partido único em 1990, realizando-se eleições, que foram vencidas pelo Partido Socialista (herdeiro da LCI) na Sérvia e no Montenegro, enquanto os nacionalistas conservadores e ex-comunistas de perfil reformador-nacionalista triunfavam nas demais repúblicas. Os nacionalistas desejavam desembaraçar-se das regiões mais pobres através da autonomia ou mesmo independência (inclusive tentando deixar a dívida externa apenas para o Governo Federal). Já os socialistas sérvios lutavam por maior centralização política e distribuição dos investimentos em proveito das regiões menos desenvolvidas, medidas que visavam conter as tendências centrífugas. Contudo, devido ao desgaste político-ideológico do socialismo e ao temor das minorias sérvias que viviam nas demais repúblicas, bem como por reação ao crescente nacionalismo destas, um número cada vez maior de sérvios evoluiu para posturas nacional-chauvinistas. Assim, as identidades étnicas foram sendo construídas (ou reconstruídas, em alguns casos) com fins políticos pelos líderes, encontrando terreno fértil devido ao caos social.

Do separatismo à guerra civil

Num clima de virtual decomposição do governo central, devido ao boicote croata, esloveno e bósnio, que bloqueava o processo decisório, a implosão da federação era iminente. Nesse contexto de paralisia institucional, os Presidentes da Eslovênia e da Croácia, o ex-comunista Kucan e o conservador Tudjman, respectivamente, aproveitaram a oportunidade para proclamar a independência em setembro de 1991. A ingerência de alguns países europeus estimulando as independências, especialmente a Alemanha, num problema que era essencialmente interno a um país soberano, constituía uma flagrante violação do Direito Internacional. Por outro lado, a utilização da identidade étnica (e, às vezes, religiosa) como fundamento legitimador da formação dos novos estados gerava um problema adicional, com os integrantes das minorias sérvias transformando-se

em cidadãos de segunda classe num país estrangeiro, especialmente na Croácia. As milícias eslovenas cercaram os quartéis do exército federal, que reagiu por conta própria, uma vez que o governo central simplesmente se absteve de enviar ordens. Após poucos dias de escaramuças, o exército retirou-se dessa pequena república, que não possuía minorias sérvias.

Já na Croácia a situação foi mais complicada, pois um quarto da população era sérvia e o governo local era assumidamente direitista, evocando como ancestrais até os fascistas croatas, os Ustashi, responsáveis pelo genocídio de sérvios, ciganos e judeus. Além disso, o apoio explícito da Alemanha, tentando convencer a União Européia (UE) a reconhecer a independência, trazia à memória dos sérvios os traumas da Segunda Guerra Mundial. Com o apoio do exército federal, as milícias sérvias lograram controlar as regiões onde sua etnia era majoritária: a Krajina e parte da Eslavônia ocidental e oriental, onde se encontram as cidades de Osijek e Vukovar. Esta última caiu após longo cerco sérvio, e a fuga da população croata (estimulada por seus próprios líderes) deu à Alemanha o pretexto que necessitava para convencer a UE a reconhecer os governos separatistas. Face à debilidade militar dos croatas, a ONU enviou uma força de paz para separar as duas comunidades e impedir o avanço sérvio.

A liderança muçulmana da Bósnia-Herzegovina também proclamou a independência e convocou um plebiscito em 1992, que foi boicotado pelos sérvios (40% da população). Imediatamente, desencadeou-se uma violenta guerra civil, opondo as três comunidades (os croatas representavam 20%). Os bósnios logo ficaram cercados nas cidades, pois se tratava essencialmente de uma população urbana de classe média, que se convertera ao islã durante a ocupação turca. A violência do conflito deveu-se, principalmente, ao engajamento dos civis, que se encontravam adestrados para a guerra e possuíam arsenais do exército em cada aldeia, devido à estratégia militar iugoslava. Esta sempre esperou por uma invasão da OTAN ou do Pacto de Varsóvia e preparou uma defesa baseada na resistência popular. Agora o País usava esses recursos para uma luta de casa em casa, contra os próprios vizinhos. Os sérvios, com auxílio do exército, controlaram dois terços do território, porque, sendo, sobretudo, uma população rural, este era o espaço por eles habitado. Os croatas e os bósnios (que também lutavam entre si) eram auxiliados pelas potências Ocidentais (especialmente a Alemanha) e os últimos, também por países islâmicos, como a Turquia, e inclusive voluntários fundamentalistas iranianos.

A grande mídia internacional construiu alguns mitos que devem ser desfeitos. O primeiro deles é a demonização dos sérvios, que teriam inventado a chamada "limpeza étnica", visando criar uma Grande Sérvia. Todos as etnias expulsaram populações e realizaram massacres ao longo da guerra. Em segundo lugar, a questão da retificação de fronteiras para acomodar os sérvios dentro

de um mesmo país configura-se como resposta ao separatismo étnico das demais repúblicas. Além de exagerarem no discurso político como forma de mobilização, os croatas e albaneses do Kosovo também proclamaram a mesma política, e os bósnios tentaram controlar uma república inteira, onde representavam, igualmente, uma minoria. O segundo mito é o que o politólogo Mette Skak denominou criticamente de “teoria da bela adormecida”, que define o conflito como um confronto étnico, o qual teria sido reprimido pelos comunistas e, com o enfraquecimento destes, simplesmente teria despertado.

A esse respeito, há que considerar que os grandes povos da Iugoslávia pertencem ao mesmo grupo étnico, e suas diferenças são menores do que se apregoa. Os bósnios, por exemplo, são servo-croatas convertidos ao islã, como se viu, enquanto as línguas dos dois últimos são apenas variações do mesmo idioma, grafadas diferentemente (alfabeto cirílico e latino respectivamente). Por outro lado, essa teoria do nacionalismo atávico serve de cobertura para ocultar a responsabilidade de líderes e de partidos regionais e nacionais, bem como de potências estrangeiras, que estimularam e manipularam os micronacionalismos com fins políticos.

Trata-se, como o renascimento religioso, de um fenômeno sociológico novo, que diz respeito à crise contemporânea. Portanto novo conteúdo sob velhas formas. Os sérvios ou bósnios de hoje pouco têm a ver com os da Idade Média. A adesão popular aos micro-nacionalismos ou aos nacionalismos tribais e sua disposição para seguir líderes “fanáticos” ou mesmo cometer crimes são uma conseqüência do colapso das instituições e dos movimentos políticos da modernidade. Enfim, são uma terrível manifestação de populações ameaçadas pelo medo. **O caráter étnico representa a forma de um conflito social, político e econômico em um mundo em desmoronamento**, como se observa no texto em epígrafe. Inclusive alguns partidos recusaram-se a adotar a postura nacionalista e étnica, como os bósnios da região de Bihac, por exemplo, que continuaram convivendo com os sérvios.

Com a desagregação de fato do País em 1992, a Macedônia também se independizou, após negociar amigavelmente com Belgrado. Embora seu reconhecimento internacional tenha encontrado dificuldades devido à oposição grega, a OTAN estacionou tropas em seu território. Em abril do mesmo ano, as repúblicas da Sérvia e do Montenegro criavam, através de plebiscito, uma nova Iugoslávia em miniatura (a Terceira Iugoslávia). O que vem a evidenciar os interesses externos em jogo nesse processo é que a comunidade internacional, em particular os membros da UE (por pressão alemã), imediatamente reconheceu e socorreu as repúblicas separatistas, enquanto a Iugoslávia remanescente não — sofrendo, inclusive, isolamento diplomático e embargo econômico e militar. Ao mesmo tem-

po, era estigmatizada pela imprensa internacional, sendo referida simplesmente como “Sérvia”, o que constituía uma forma de negar a permanência do ideal federativo e multiétnico que, bem ou mal, sobrevivia no País agora liderado por Milosevic. Este, por sua vez, passou a ser chamado de “ditador” (termo nunca empregado contra Ieltsin, que bombardeou o parlamento russo), apesar de vigorar no País o multipartidarismo e as eleições regulares e institucionalizadas.

Os combates na Bósnia prosseguiram, especialmente nas cidades divididas ou nos corredores estratégicos que ligavam regiões isoladas. Sintomaticamente, a comunidade internacional não tomou nenhuma atitude além de manifestar indignação moral, enquanto as emissoras de televisão inundavam a Europa com imagens sangrentas. Com que propósito? Provavelmente com o intuito de convencer os europeus da necessidade de manter, e mesmo ampliar, a OTAN, cuja manutenção era questionada desde o fim da Guerra Fria e da dissolução do Pacto de Varsóvia. Em 1995, com o exército croata já preparado para operações ofensivas, a ONU retirou suas forças de paz dos enclaves sérvios, que foram facilmente conquistados. A população sérvia foi, então, inteiramente expulsa pelos croatas, e suas casas foram queimadas na maior operação de “limpeza étnica” até então realizada. Enquanto isso, sob pretexto da conquista e da “limpeza” de dois enclaves bósnios pelos sérvios (Zepa e Srebrenica), os croatas e os bósnios (agora aliados e militarmente reforçados) passaram à ofensiva na Bósnia, com apoio aéreo da OTAN. Abandonados pelo governo iugoslavo, os sérvios sofreram uma derrota completa, enquanto quase um milhão deles se convertiam em refugiados.

Da oposição sérvia à guerrilha kosovar

Milosevic, esgotado pelo embargo econômico, fora obrigado a acatar os Acordos de Dayton, que transformaram a Bósnia-Herzegovina em uma confederação, que reunia uma república sérvia (49% do território) e uma federação bósnio-croata. O país foi ocupado por forças de paz da ONU, que incluíam os principais países da OTAN. Contudo o embargo econômico não foi totalmente levantado contra a Iugoslávia, sob pretexto dos desmandos políticos de Milosevic em relação à oposição. Da mesma forma, embora os massacres (inclusive de civis) tenham sido praticados por todos os protagonistas, as grandes lideranças sérvias foram indiciadas por crimes de guerra pelo Tribunal Internacional de Haia, enquanto apenas croatas e bósnios de menor hierarquia militar eram inculcados. Nenhuma providência foi tomada para repatriar os sérvios expulsos de toda Croácia e de partes da Bósnia, nem a imprensa acusou o presidente croata Tudjman de “limpeza étnica”.

A partir desse momento, as potências da OTAN passaram a explorar dois focos potenciais de conflito dentro do que restava da Iugoslávia (agora com uma superfície equivalente à de Santa Catarina), o problema dos albaneses da província de Kosovo i Metohija e a oposição política interna, inclusive a liderança do Montenegro. Com relação à última questão, Milosevic demonstrou enorme capacidade e flexibilidade política, logrando conter os protestos organizados pela classe média e por ultranacionalistas sérvios através de compromissos e do estabelecimento de um governo de coalizão. No Montenegro, apesar das ligações explícitas dos líderes locais com o Ocidente, estes não quiseram arriscar-se a uma guerra civil, devido à presença militar iugoslava nessa república (último acesso ao mar) e da turbulência vigente na vizinha Albânia. Assim, a OTAN procurou outros meios, enquanto mantinha um embargo parcial ao País, apesando-se a qualquer pretexto. Paralelamente, procurava reorganizar e fortalecer a guerrilha albanesa no Kosovo, que as forças iugoslavas haviam neutralizado facilmente.

Com apoio do Presidente direitista da Albânia, Berisha, foi promovida a fusão de pequenos grupos guerrilheiros de extrema-esquerda (criados pelo antigo governo comunista albanês) com grupos ligados ao contrabando e ao narcotráfico, dando origem ao Exército de Libertação do Kosovo (ELK) em 1996³. Além de apoio das potências da OTAN, o ELK era financiado por algumas comunidades albanesas residentes na União Européia e nos EUA e, especialmente, pela máfia albano-kosovar, que transporta e distribui heroína produzida na Turquia e consumida na Europa. A derrubada de Berisha por uma rebelião popular em 1997, devido à falência das pirâmides de investimento, seguida de um caos generalizado, permitiu a alguns países da OTAN enviar tropas à Albânia.

Desde então, intensificaram-se os ataques da guerrilha no interior do Kosovo contra os sérvios e contra os seguidores do líder moderado dos kosovares, Rugova, que desejava dialogar com Belgrado para obter a devolução da autonomia à província. A reação das forças iugoslavas, obviamente, também atingiu civis apoiadores ou instrumentalizados pelo ELK, produzindo vítimas que alimentariam a propaganda ocidental e desacreditaria os kosovares moderados, que eram, então, largamente majoritários. Geralmente, os ataques aos civis foram cometidos por milícias dos partidos ultranacionalistas, que antes foram apoiados pelos EUA contra Milosevic e, depois da guerra, voltaram a ser apoiados.

³ A esse respeito, ver o bem documentado artigo de Christophe Chiclet (1999), publicado no **Le Monde Diplomatique** e no dossiê **La nouvelle guerre des Balkans**, publicado pelo mesmo jornal.

Com a escalada do conflito, a OTAN passou a exercer forte pressão para conversações de paz, que se realizaram em Rambouillet, na França. Os generais norte-americanos impuseram, então, condições inaceitáveis aos iugoslavos, como o envio de tropas da OTAN para controlar o território, embora Milosevic aceitasse discutir uma eventual força da ONU. Esse impasse destinava-se a precipitar um conflito longamente preparado, e o momento escolhido destinava-se a salvar o ELK, que se encontrava em vias de ser eliminado militarmente, bem como a instrumentalizar a discussão sobre as mudanças na estrutura da OTAN. Estas teriam lugar durante o cinqüentenário da Organização.

O Kosovo e a “Guerra Humanitária” da OTAN

Com a interrupção das negociações, a OTAN lançou uma massiva ofensiva aérea contra a Iugoslávia em 24 de março de 1999, sem ao menos consultar ou comunicar o Conselho de Segurança da ONU. Apesar das razões humanitárias aventadas, tratava-se de um conflito longamente pensado, como ato final da fragmentação do País e como pretexto para o lançamento da nova concepção estratégica da Aliança Atlântica. Esta planejava ocupar o Kosovo e fomentar a independência do Montenegro, cortando o acesso da Iugoslávia ao mar e estabelecendo uma ligação terrestre entre membros da organização na região, da Hungria (recém-aderida) à Grécia. Cabe, também, lembrar que a Aliança Atlântica já possuía tropas na Bósnia, na Albânia e na Macedônia, mantendo o País sob cerco.

Num plano mais amplo, essa ação constituía, também, parte de um projeto de submeter a Iugoslávia à “nova ordem mundial”, pois esse país, que ocupa uma posição estratégica no centro dos Balcãs, recusa submeter-se ao Ocidente. Trata-se, igualmente, de um intento maior de isolar a Rússia dentro da massa continental eurásiana, tirando o máximo proveito de sua atual debilidade. Além da geopolítica tradicional, é conveniente lembrar que Samuel Huntington, em seu livro **Choque de Civilizações**, considera a região como a fronteira entre o Ocidente e os “bárbaros” (no caso, de religião ortodoxa), bem como limite da União Européia e da OTAN expandidas, além de retaguarda da Turquia, país que representa uma verdadeira sentinela Ocidental na zona de contato entre Europa, Ásia e Oriente Médio.

Trata-se da primeira ação exterior oficial da OTAN, que fez coincidir o desencadeamento do conflito com as comemorações de seu cinqüentenário, a qual passou de organização defensiva à ofensiva, evoluindo do *containment* ao *enlargement e engagement*, dentro da concepção formulada pelo Secretário e

ex-Diretor da CIA, Antony Lake. O conflito serviria, ainda, como um instrumento adicional de domínio sobre a União Européia e a sua nova moeda, o Euro, cuja cotação foi abalada com o desencadeamento da guerra e encontra-se comprometida no futuro com os custos de reconstrução da região. Sintomaticamente, os social-democratas da “Terceira Via” européia (Blair, Jospin e Schröder) e seus aliados ecologistas dos Partidos Verdes (que abandonaram sua concepção pacifista), os quais jogam a cartada americana, foram os maiores apoiadores da ação.

Os bombardeios aéreos e de mísseis visaram, inicialmente, a alvos militares e, depois, à infra-estrutura civil. Surpreendidos pela capacidade de resistência dos iugoslavos, que não se amedrontaram, passaram a atacar fábricas e, finalmente, as zonas residenciais, como forma de aterrorizar a população (os constantes “erros”). Para a OTAN, quando os bombardeios se mostraram infrutíferos, devido à unidade nacional que se criou na Iugoslávia, às inesperadas manifestações contra a guerra na Europa e à eficácia do exército federal em conter os ataques da guerrilha no Kosovo (apesar do apoio aéreo, diplomático e em armas pela OTAN), a estratégia radicalizou-se. Contudo as fissuras na “aliança militar mais bem-sucedida da história” (conforme o Presidente Bill Clinton) logo se fizeram sentir, com a recusa de vários membros de promover uma invasão terrestre, teoricamente para levar os refugiados kosovares de volta.

O bombardeio da Embaixada Chinesa em Belgrado, nesse contexto, vincula-se aos propósitos globais, e não regionais, do conflito, servindo de lição a todos os países que ignoram as diretrizes americanas, mantendo abertas suas representações diplomáticas em Estados “renegados”. Porém a reação chinesa foi subestimada, com gigantescas manifestações contra as representações diplomáticas americanas na China. Ironicamente, quando faltava um mês para o décimo aniversário da repressão da Praça da Paz Celestial, milhares de chineses voltaram às ruas, mas para apoiarem seu governo contra os EUA. Até mesmo em Taiwan, ocorreram protestos contra instituições norte-americanas.

Evidentemente, o processo de fragmentação, que afeta os perdedores da “globalização”, propicia a aparente **forma étnica** do conflito. Mas esse é um fenômeno que afeta também outras regiões, sem que se conheça tal escalada. Basta lembrar o genocídio de Ruanda ou o massacre dos curdos que continua (mas a Turquia é membro da OTAN...). Assim, a razão fundamental do mesmo é estratégica, pois, sem o apoio da OTAN, o ELK jamais teria podido desafiar as forças iugoslavas, mesmo sendo reforçado por mercenários profissionais. Embora as potências ocidentais insistam em mostrar o drama dos refugiados como a **causa** do conflito, obviamente a razão é outra, inclusive porque os refugiados são uma **conseqüência** da guerra e não, o contrário. Não se pode esquecer

que os ataques da guerrilha se intensificaram na província, com o início da campanha aérea, que também atingia o Kosovo. Assim, se as forças sérvias expulsaram albaneses de áreas controladas pelo ELK, os bombardeios e os próprios guerrilheiros fizeram o resto, pois o êxodo de refugiados era, então, a melhor legitimação para a continuação dos bombardeios, quando o entusiasmo internacional começava a declinar. Para muitos kosovares, refugiar-se significava a chance de obter asilo no Primeiro Mundo.

Igualmente como no caso do Iraque, tratou-se, também, de uma política destinada a destruir uma economia diferente da oficializada pela globalização capitalista e pelo neoliberalismo, ou, ao menos, o que resta dela. Ou seja, com a guerra, a OTAN e sua área de atuação crescem, expandem-se para fora de seus limites; a presença norte-americana afirma-se sobre a Europa; e uma série de princípios (ou pretextos), os **regimes internacionais**, passam a substituir o Direito Internacional. Mas tão grave quanto os bombardeios indiscriminados das grandes potências da OTAN sobre um pequeno país, completamente indefeso frente à tecnologia militar americana, é a facilidade com que tal ação foi legitimada. Manipulando cifras, fatos e, principalmente, imagens, a mídia tem logrado não apenas um convencimento generalizado como, o que é pior, fomentar uma passividade completa face a uma guerra extremamente perigosa para o futuro do mundo.

No início de junho, após quase três meses de bombardeios ininterruptos, Milosevic manifestou a intenção de aceitar um acordo pelo qual retirava as tropas da província, que continuaria sendo parte integrante da Iugoslávia, e permitia a entrada da OTAN e de outras forças da ONU (especialmente a Rússia). Os refugiados deveriam retornar, e o ELK seria “desmilitarizado” (Washington recusou o termo **desarmado**). Os EUA aceitaram, então, o fim do conflito, apesar de certo recuo em suas posições, pois a guerra estava adquirindo um elevado custo político. Milosevic, por seu turno, logrou resgatar o protagonismo da ONU e o da Rússia, que lhe devem esse favor, bem como projetar a posição da China nas relações internacionais.

O pós-guerra: fragmentação periférica e hegemonia cêntrica

A região balcânica como um todo foi afetada negativamente pelo conflito, tanto econômica como politicamente, devido à possibilidade de que tensões comunitárias venham a se manifestar nos países vizinhos, que padecem dos

mesmos problemas étnicos que a Iugoslávia. A Europa, por sua vez, deverá arcar com os custos da reconstrução, o que comprometerá o desempenho do Euro. Por outro lado, as pressões contra a Iugoslávia continuam, pois, com a inculpação de Milosevic perante o Tribunal Internacional de Haia e com a chantagem a respeito da ajuda externa para a reconstrução sendo condicionada a seu afastamento, o País, que não teve o direito de salvaguardar sua unidade territorial, agora sequer pode escolher seus dirigentes.

Quanto ao plano internacional, percebe-se, claramente, que os EUA tiveram na guerra um instrumento para a progressiva afirmação das estruturas hegemônicas de poder, destinadas a perpetuar a supremacia norte-americana, mas a um custo mais baixo do que durante a Guerra Fria. Essas estruturas constituem-se de um instrumento militar (a OTAN) da difusão de valores "universais" (democracia liberal, economia de mercado, direitos humanos individuais, proteção às minorias e ao meio ambiente e combate ao narcotráfico e ao terrorismo) e de sua imposição enquanto normas de conduta mundial, sobretudo por intermédio de organizações internacionais (ONU, OMC, FMI, ONGs).

A reação de Moscou, expressa na tensão com a OTAN e do episódio teatral da chegada inesperada de tropas russas no aeroporto de Pristina, significa uma tomada de consciência de que Washington deseja enquadrar militarmente até mesmo as antigas repúblicas soviéticas. Isto com o objetivo de imobilizar a Rússia em fronteiras indefensáveis, antes que esse país se recupere⁴. Esta também é uma mensagem perfeitamente apreendida pela China, que já vem sendo pressionada de várias maneiras. Além dos aspectos estratégicos que afetam diretamente cada um desses dois atores, que lutam pela afirmação de um sistema internacional multipolar, eles manifestam preocupação com a institucionalização de um princípio de limitação das soberanias nacionais. Estas já podem ser violadas de maneira unilateral, simplesmente invocando os princípios acima mencionados, legitimados mediaticamente.

Lamentavelmente, após a provável perda do Kosovo (ocupado, dentre outros, pelos mesmos inimigos da Segunda Guerra Mundial), o que sobrar da Iugoslávia será algo ainda pior: a afirmação definitiva de um nacionalismo ressentido, que perderá a noção racional da política e o que ainda sobrevivia da estrutura federal, multiétnica, socialista e não-alinhada que Tito forjou. A destruição da Iugoslávia resultou não apenas da "globalização" fragmentadora que

⁴ Essa concepção perpassa toda a bibliografia recente americana, mas encontra sua melhor forma no recente livro do ex-assessor de Carter, Brzezinski (1998).

afeta os países periféricos ou da chamada “crise do socialismo”, mas instrumentalmente dos interesses estratégicos americanos, da vingança da OTAN contra o País que lutou por meio século contra a existência de blocos militares como ela e do acerto de contas que a Alemanha fez com o País e com o movimento político que a expulsou da parte ocidental dos Balcãs na Segunda Guerra Mundial.

Bibliografia

- AUBERT, Raphael (1993). **La tentación del Este religión, poder y nacionalismos**. Mexico : Fondo de Cultura Económica.
- BLANC, André (1974). **L'Europe socialiste**. Paris : Presses Universitaires de France.
- BRZEZINSKI, Zbigniew (1998). **El gran tablero mundial. la supremacía estadounidense y sus imperativos geoestratégicos**. Barcelona : Paidós.
- CHICLET, Christophe (1999). L'histoire secrète de l'UÇK. **Le Monde Diplomatique**, Paris, maio.
- DEMKO, George, WOOD, William, ed. (1999). **Reordering the world: geopolitical perspectives on the 21st Century**. Boulder/ Colorado : Westview.
- FEJTO, François (1979). **Histoire des démocraties populaires**. Paris : Seuil. 2v.
- FERON, Bernard (1999). **Iugoslávia, origens de um conflito**. Porto Alegre : L&PM.
- GUIMARÃES, Samuel Pinheiro (1999). **Quinhentos anos de periferia: uma contribuição ao estudo da política internacional**. Porto Alegre/Rio de Janeiro : UFRGS/Contraponto.
- HALLIDAY, Fred (1999). **Repensando as relações internacionais**. Porto Alegre : UFRGS.
- HUNT, E. K., SHERMAN, H. J. (1977). **Economia comparada: mundo socialista; URSS, China, Yugoslávia**. Petrópolis : Vozes.
- KALDOR, Mary (1999). **New e old wars: organized violence in a global era**. Oxford : Polity.

- KARDELJ, Edvard (1980). **A Yugoslávia nas relações internacionais e o movimento de não-alinhamento**. Belgrado : QAS/Questões Atuais do Socialismo.
- LEWIS, Paul G (1994). **Central Europe since 1945**. London : Longman.
- MARTÍN DE LA GUARDIA, Ricardo, PÉREZ SÁNCHEZ, Guillermo (1997). **La Europa Balcánica. Yugoslavia, desde la segunda guerra mundial hasta nuestros días**. Madrid : Sintesis.
- RAMONET, Ignacio (1999). La nouvelle guerre des Balkans. **Le Monde Diplomatique**, Paris.
- SILBER, Laura, LITTLE, Allan (1996). **The dead of yugoslavia**. London : Penguin Books/ BBC Books.
- SKAK, Mette (1996). **From empire to anarchy**: postcommunist foreign policy and international relations. London : Hurst.
- TITO, Josip Broz (1959). **O caminho (socialista) da Iugoslávia**. Rio de Janeiro : Saga.
- TITO, Josip Broz (1980). **O não-alinhamento, consciência e futuro da humanidade**. Belgrado : QAS/Questões Atuais do Socialismo.